



Mario Filho e os Jornais de 1923: Coincidências e Desencontros¹

João Paulo Vieira TEIXEIRA²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

A partir da comparação entre o texto de Mario Filho no livro *O Negro no Futebol Brasileiro* e os relatos de três jornais cariocas do ano de 1923, determinamos as semelhanças e diferenças entre as duas narrativas. O trabalho investiga como foi narrada a conquista do primeiro título da equipe de futebol do Vasco da Gama e quais as distorções criadas posteriormente tanto em trabalhos acadêmicos quanto repetidas pela imprensa esportiva.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Cultura; Racismo; Vasco da Gama.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo corresponde à parte central das conclusões da dissertação de Mestrado intitulada “1923: investigação sobre a existência de racismo no noticiário esportivo carioca”. O referido trabalho foi aprovado no dia 22 de março de 2011, no Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Portanto, nas próximas páginas encontraremos informações complementares tanto ao conteúdo original da tese quanto a outros trabalhos já publicados³, inclusive no GP Comunicação e Esporte no X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, durante o XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

A pesquisa nasceu inspirada em um debate já existente e foi estimulada pela constante repetição na mídia da ideia de que o Club de Regatas Vasco da Gama foi o primeiro time no Brasil a aceitar negros entre seus jogadores.

Os relatos mais frequentemente encontrados na imprensa e que são amplamente propagados pelo clube dão conta de que o Vasco participou, no ano de 1923, pela primeira vez do Campeonato de Futebol do Estado do Rio de Janeiro. E o título da competição mais importante da cidade foi conquistado logo na estreia. O fato tornou-se um marco na história do esporte, pois seria a primeira vez em que um time formado por

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, email: jpaulo.vieira@gmail.com

³ Ver: Helal; Teixeira (2010) e Teixeira (2010).



jogadores negros, mulatos e brancos venceu o torneio mais importante da modalidade no então Distrito Federal.

Até este ponto, o confronto com as informações dos jornais da época prova que não houve grandes distorções na referida narrativa. No entanto, conta-se que o feito vascaíno teria desagradado parte da sociedade carioca. Em resposta, no ano seguinte, os clubes das elites criaram uma nova entidade para gerir o esporte e organizar as futuras competições. Esta nova organização teria como objetivo limitar a participação de jogadores que não conseguissem comprovar a condição de amadores. Durante muito tempo, vários estudos consideraram esta exigência suficiente para concluir que ela escondia uma estratégia racista.

Todas estas informações derivam obrigatoriamente dos relatos descritos no livro *O Negro no Futebol Brasileiro (NFB)*, escrito pelo jornalista Mario Filho⁴. A obra tornou-se a principal referência para os estudos sobre a formação do esporte no país.

No entanto, o pesquisador Antônio Jorge Soares desenvolveu um relevante estudo⁵ questionando a adoção do livro como única fonte para as reflexões sobre o tema. Uma das suas principais críticas é a de que os estudiosos que seguiram Mario Filho recorrem ao livro como se o texto possuísse um relato fiel dos acontecimentos e acabam por deixar de lado outras fontes, para uma verificação do que está relatado nas páginas do clássico da literatura nacional. (Teixeira, 2010)

A partir destes questionamentos, iniciamos nossa pesquisa recorrendo às páginas de pelo menos três jornais cariocas do ano de 1923 para investigarmos como foi feita a cobertura da imprensa escrita na ocasião. Os jogos do Campeonato aconteceram entre os dias 15 de abril e 26 de agosto de 1923. Uma pesquisa preliminar revelou que seis jornais cariocas da época dedicavam algum espaço à cobertura do torneio de futebol. Concentramos nossos esforços nas crônicas a respeito dos 14 jogos realizados pela equipe do Vasco da Gama. Procuramos analisar os textos que eram publicados nas segundas ou terças-feiras consecutivas às partidas. Para não correr o risco de ficar preso a uma visão parcial que poderia ser veiculada por determinado órgão de imprensa,

⁴Mario Filho (1908-1966) foi um dos mais importantes cronistas esportivos brasileiros do Século XX. Além de jornalista foi também proprietário do *Jornal dos Sports*, publicação que, enquanto comandada por ele, fomentou diversas competições esportivas e reuniu intelectuais importantes que escreviam no periódico. Ele foi um dos principais incentivadores da construção do Estádio do Maracanã que acabou por receber o seu nome. Na literatura teve contribuições importantes, sendo a mais destacada *O Negro no Futebol Brasileiro*. Mario Filho era irmão do dramaturgo Nelson Rodrigues.

⁵Soares defendeu em 1998 a tese de Doutorado em Educação Física, no Programa de Pós-graduação em Educação Física na Universidade Gama Filho, intitulada *Futebol raça e nacionalidade no Brasil – releitura da história oficial*.



optamos por coletar sempre duas crônicas de cada jogo. Cada uma delas publicada por um jornal diferente.

Após pesquisas iniciais, descobrimos que o material mais farto e útil para o nosso propósito estava concentrado nos jornais O Paiz, Jornal do Brasil e Correio da Manhã. O JB se mostrou fundamental para nosso trabalho. Além de ser citado por Mario Filho, o jornal já possuía um caderno exclusivamente de esportes e dedicava, assim como O Paiz, um significativo espaço para uma cobertura vigorosa do Campeonato. Dessa forma, realizamos toda a parte inicial de nossa pesquisa em cima destes jornais. No entanto, algumas das edições de ambos os periódicos não realizaram a cobertura de determinados jogos ou, simplesmente, a edição do dia em que precisávamos trabalhar não havia sido microfilmada. Há ainda o caso de algumas edições que sequer foram impressas em determinados dias. Desta forma, procuramos inicialmente, sempre as crônicas publicadas no Jornal do Brasil e O Paiz. No caso de alguma delas estar ausente, partíamos para um dos outros jornais, preferencialmente o Correio da Manhã, que também já possuía um caderno esportivo.

Como a campanha do Vasco teve 14 jogos, e gostaríamos de trabalhar com duas crônicas por jogo, teríamos 28 textos para analisar. No entanto, as edições do Jornal do Brasil e de O Paiz dos dias seguintes ao jogo entre Vasco e Botafogo, pela segunda rodada da competição, não estavam disponíveis na Biblioteca Nacional. Para a análise deste jogo, recorremos então, apenas ao Correio da Manhã. Foi feita uma busca por outros periódicos, mas foram encontradas apenas pequenas notas que pouco acrescentariam à nossa pesquisa. Desta forma, trabalhamos no total com 27 crônicas e outras 18 notas que tinham relação direta com a campanha do Vasco no Campeonato.

A dúvida que nos motivou é se os periódicos destacavam o bom desempenho da estreante equipe vascaína, e até a questão do “amadorismo disfarçado”, ou também se de alguma forma enalteciam ou criticavam a miscigenação racial. Tentamos, ainda, descobrir se há evidências de que o preconceito racial possivelmente presente entre os dirigentes também vestia as páginas dos jornais.

Nosso propósito aqui é tentar lançar um novo olhar sobre a questão. A proposta é esmiuçar a forma com que esta história foi contada à época. Saber como os jornalistas trataram do assunto. Quais os critérios utilizados para reportar o fato. Teria sido deixado algum resquício de racismo na cobertura da imprensa?

Nossa premissa inicial sempre foi questionar se com o passar das décadas, os estudos que surgiram criaram uma visão distorcida do fato. Uma dúvida que permeou o



trabalho era se havia uma valorização excessiva de algo que iria acontecer invariavelmente (a participação decisiva dos negros no futebol). Como já dito em outros trabalhos, entendemos que esta poderia ser uma contribuição nova a um debate já existente.

Ao lançar um olhar atento aos jornais do período citado, acreditamos ser possível acrescentar novos elementos ao debate já existente nas Ciências Sociais. Desde a publicação do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mario Filho, surgiram várias discussões nos campos da Educação Física, Antropologia, História e da Comunicação Social, muitas delas envolvendo o Campeonato Carioca de 1923. Um novo estudo dos periódicos preenche uma lacuna existente em parte das últimas pesquisas que apenas retomam o que foi transmitido por Mario Filho sem checar a veracidade destas narrativas. Ao invés de nos debruçarmos exclusivamente no que foi escrito, refletindo sobre as conseqüências do fato, buscamos informações no que foi relatado no calor da ocasião. (Teixeira, 2010)

O trabalho traz a tona a forma como era desenvolvido o jornalismo esportivo numa época em que o futebol (ao menos segundo a maioria dos relatos tradicionais) ocupava um espaço menor que o atual na vida cotidiana carioca. Entendemos ainda que a publicação destes novos resultados podem contribuir para que sejam evitadas novas incorreções nas matérias jornalísticas que tratam sobre o início da democratização do futebol brasileiro a partir da fundamental participação dos negros no esporte.

Com estes intuitos, nosso trabalho tentou fazer uma comparação entre o que foi dito por Mario Filho e o que estava nas páginas dos jornais de 1923. A intenção é oferecer novos elementos para quem deseja saber mais sobre esta história, descobrindo onde Mario Filho comete excessos e onde seu texto se aproxima do descrito pelos jornalistas da ocasião. Acreditamos que este trabalho já tenha sido feito (Soares, 1998), quando se trata do ano em que se deflagrou a crise política no futebol carioca. No entanto, necessitamos de mais subsídios para entender o que aconteceu no ano anterior, na ocasião em que foi disputado o campeonato.

Pretendemos investigar se a questão racial foi destacada em algum momento pelos jornais. A proposta é identificar se há resquícios de racismo nos textos jornalísticos e/ou se eles retratam algum acontecimento em que a cor da pele tenha ocupado lugar central naquele contexto.

Após reunir e estudar a teoria já existente sobre o assunto, nos deparamos com uma encruzilhada. A grosso modo, pode-se colocar de um lado os intelectuais que sempre utilizaram Mario Filho para respaldar suas pesquisas sobre a “identidade do



futebol brasileiro”. No corner oposto, liderado pelos inovadores trabalhos de Antônio Jorge Soares, há quem condene a utilização dos trabalhos de Mario Filho, alegando que não passam de acontecimentos forjados para defender uma suposta miscigenação racial brasileira que teria como principal referência o esporte mais popular de nossa cultura.

A partir daí, onde deveríamos nos posicionar? Desde o princípio, as críticas de Soares pareceram fazer sentido, mas não tínhamos a certeza de que tudo o que Mario Filho escreveu era fruto dos seus devaneios pessoais ou talvez da alguma outra pretensão pessoal. É sempre preciso lembrar que Mario Filho era um homem rico, vindo de uma família tradicional e muito influente. Sua vida profissional sempre foi cercada de diversos tipos de interesses que ultrapassavam a esfera esportiva.

Caminhar no meio-termo seria, como dizemos popularmente, “ficar em cima do muro”, mas escolher simplesmente um dos lados fecharia parcialmente nossos horizontes. Dessa forma, apontamos possíveis falhas nas duas linhas antagônicas, mas não deixamos de considerar suas virtudes. Neste contexto, surgiu a oportunidade de trabalharmos com o conceito de preconceito de marca, de Oracy Nogueira (1998). A partir dali, entendemos que o racismo poderia operar de formas diferentes e ampliamos significativamente nossa análise.

2 RELEVÂNCIA

Os levantamentos feitos para mostrar como o Clube de Regatas Vasco da Gama e a sua própria torcida se apoderam até hoje do discurso de que a entidade é a única responsável pela inclusão do negro no futebol brasileiro evidenciaram como o tema aqui proposto ainda é relevante. Ao enumerar os exemplos em que o tema foi acionado, chamamos a atenção para o fato de que a discussão científica sobre o assunto ainda precisa avançar para que encontre força nos trabalhos acadêmicos, assim como na própria imprensa.

O discurso que atribui ao Vasco a responsabilidade total pela inserção do negro no futebol no Brasil está presente de forma explícita seja em uma faixa no estádio (em comemoração ao Dia da Consciência Negra), na venda de camisetas comemorativas ou em seu site oficial. Com isso, a própria torcida do clube, por entender que trata-se de uma boa causa, da qual qualquer agremiação se orgulharia, faz questão de reafirmar o mesmo discurso, levando para arquibancada músicas relacionadas ao tema ou usando camisetas contrárias ao racismo. Até aí, nada além do esperado, uma vez que estamos



tratando de uma tradição inventada, nos exatos termos criados por Hobsbawn (1997). Nosso lamento se situa no fato de que a imprensa ainda hoje se confunde e repercute o fato de forma totalmente acrítica. Comprovamos que falta apuração nas matérias atuais que tratam do tema. A tradição inventada é repetida por aqueles que poderiam contribuir para uma re-construção do começo do nosso futebol.

Obviamente, trata-se de um esforço hercúleo e talvez desnecessário tentar convencer o senso comum de que esta história possui vários detalhes que foram suprimidos ao longo do tempo e que se forem iluminados acabam por mudar de forma substancial a versão dos fatos. No entanto, acreditamos ser obrigação tanto de jornalistas como de pesquisadores uma pesquisa mais profunda e a consulta a número maior de fontes para que se possa traçar um panorama mais fiel aos fatos.

Paralelo a esta constatação, o trabalho provou que o debate acadêmico ainda não conseguiu encontrar uma solução para a questão. Estudiosos que se debruçam sobre o tema ainda possuem visões discordantes e que muitas vezes são até antagônicas. O trabalho de Antônio Jorge Soares (1998) causou, sem dúvidas, um efeito positivo entre os pesquisadores. Era fundamental alertar que o uso exclusivo da obra de Mario Filho causava distorções nas narrativas. No entanto, colocar o autor no banco dos réus certamente não é a melhor saída. A sugestão imposta por Soares, e não compreendida por todos, de buscar novas fontes para confrontar o NFB foi o norte desta dissertação ao longo da pesquisa. No entanto, ela trouxe para nós a clara impressão de que Mario Filho distorce os fatos em algumas oportunidades, mas raramente inventa algo que seja significativo.

Este confronto (feito de forma ampla em dois capítulos da dissertação), quando colocamos na balança o texto de Mario Filho e os textos dos jornais, provou que a narrativa do time campeão de 1923 foi contada de forma heróica já na ocasião da conquista. Provavelmente, uma campanha como aquela, se acontecesse nos dias de hoje, de um time que disputava a divisão de elite pela primeira vez, poderia ter uma repercussão muito parecida. No entanto, nenhuma evidência concreta de racismo foi encontrada nas páginas dos jornais, ao contrário do que alardeava o NFB. Verificamos sim, a possibilidade de que o confronto entre amadorismo e profissionalismo já estivesse presente. Porém, o tema não é recorrente e sequer é tratado de forma direta.

Está claro que Mario Filho criou mitos, inventou tradições. No entanto, tudo isso começou a surgir já nas narrativas de jornais. Mergulhado nas crônicas esportivas de 1923, é impossível não criar uma imagem de um goleiro quase insuperável, como era



costumeiramente descrito o arqueiro Nelson. Além disso, lendo os jornais temos a impressão de uma equipe muito bem treinada, com jogadores velozes e inegavelmente mais resistentes que os adversários. Claramente, o mito dos homens negros serem fortes encontra muito mais respaldo nas narrativas jornalísticas do que as ideias de que os jogadores negros são mais habilidosos que os demais e que se valem da malemolência para ter resultados positivos.

Não garantimos aqui que os relatos jornalísticos sejam totalmente fiéis. Mas, é necessário salientar que eles existem e que, portanto, Mario Filho não foi o criador destas histórias. Pela semelhança de alguns trechos do NFB com algumas partes dos jornais, não duvidamos que Mario Filho tenha copiado trechos inteiros para escrever seu livro.

Este trabalho está muito longe de se dispor a fazer uma defesa de Mario Filho. Ao contrário. No entanto, não há espaço nas Ciências Sociais atuais para o julgamento deste que virou o personagem central de uma polêmica. O juízo de valor sobre sua obra pode ser pessoal, mas não pode chegar às pesquisas acadêmicas. É claro que isso também não quer dizer que ele deva ser colocado em um pedestal, como aconteceu por décadas.

O vilão não é Mario Filho. Se houvesse um vilão, deveríamos atribuir parte da sua maldade aos cronistas anteriores que o inspiraram. Quem peca, e foram muitos pecadores ao longo da formação do nosso imaginário sobre o futebol brasileiro, são os pesquisadores e jornalistas que se apoderam das narrativas de forma indistinta.

Há, em vários momentos, uma supervalorização do NFB. Principalmente quando se refere ao Vasco da Gama em 1923. É compreensível que se entenda que o livro de 343 páginas foi responsável por forjar parte da ideia de identidade brasileira e da formação do país. No entanto, com relação ao primeiro título do Vasco o espaço destinado a relatar esta conquista é restrito a sete páginas⁶. Mesmo assim, o fato ganhou a dimensão que tem hoje. Isso aconteceu em função do uso que fizeram desta narrativa. Pode-se contra-argumentar dizendo que o relato sobre a crise no futebol carioca em 1924 é um pouco maior. Porém, trata-se de um assunto diferente ao qual não nos debruçamos por completo. Mas, o fato é que o vigor da narrativa claramente cresceu com o passar dos anos e suas utilizações.

⁶Informações referentes à 4ª edição, publicada em 2003, pela editora Mauad



3 AS PÁGINAS DOS JORNAIS

Feitas nossas considerações acerca dos questionamentos do NFB, passamos agora a formalizar nossas conclusões sobre as crônicas dos jornais trabalhados. A primeira constatação proporcionada foi a comprovação de que os jornais impressos cariocas, já no ano de 1923, dedicavam um significativo espaço aos eventos esportivos. Os periódicos possuíam cadernos especiais dedicados ao assunto ou, pelo menos, separavam uma página específica para a divulgação das notícias esportivas. Verificamos que o futebol já ocupava lugar central neste contexto, superando quase que na totalidade das edições analisadas, o espaço que era dedicado ao turfe e ao remo, outras práticas populares da época.

Os textos referentes aos jogos são altamente detalhados. A riqueza dos detalhes das narrativas dos lances impressiona. Fica claro que a matéria do jornal era produzida pensando em quem não teve a chance de assistir à partida. Desta forma, as jogadas de ataque e defesa eram narradas passo a passo. Aliado a isso começam a aparecer os levantamentos numéricos dos jogos. Dizer quantos chutes cada equipe deu, quantas defesas fez o goleiro e quantas faltas foram cometidas era um recurso utilizado para ajudar a contar a história da partida.

Apesar disso, esta cobertura tinha diferenças significativas do trabalho da imprensa de hoje. Havia uma riqueza de detalhes das narrativas dos jogos, mas, por outro lado, não tínhamos nenhum tipo de cobertura dos treinamentos. Informações de bastidores ou algo que extrapolasse os detalhes sobre torcidas e arbitragens não foram encontradas. No dia dos jogos, os jornais se limitavam a divulgar o horário das partidas e os preços dos ingressos. Não havia nenhuma outra informação prévia dando detalhes dos confrontos daquele dia.

Sáimos desta pesquisa com a nítida impressão de que o futebol ocupava um lugar na sociedade carioca de 1923 maior do que contam os relatos tradicionais. Pelo número de torcedores e espaço dedicado nos jornais, acreditamos que o esporte já podia ser considerado o preferido da maioria da população. Se isso ainda não era uma verdade absoluta, tornou-se naquele ano. São várias as passagens em que os jornalistas informam terem ficado abismados com a quantidade de gente acompanhando as partidas daquele campeonato. Números maiores que os dos anos anteriores e que só poderiam ser comparados aos do Campeonato Sul-Americano disputado no Rio de Janeiro em 1919.



Tamanho interesse da população exigia um aumento da cobertura jornalística, que por sua vez, obrigava a todos os segmentos envolvidos a se comportarem de maneira diferente. Os clubes passaram a ter que se preocupar com a imprensa e reservar espaço para estes profissionais. Ao mesmo tempo, os próprios jornalistas nem sempre estavam familiarizados com os campos de futebol. No trecho a seguir, publicado após o jogo entre América e Vasco, na ocasião da inauguração do estádio dos americanos, há mostras de como os profissionais da imprensa brigavam por uma melhor estrutura de trabalho. Ao mesmo tempo, fica claro como eram, por diversas vezes, antagônicas as crônicas, em alguns momentos até incompreensíveis para alguém que as lê no século XXI.

Faltou apenas um pequeno trabalho feito em "nosso" favor. A diretoria do América facilitaria muito o melhor trabalho de jornalistas se conservasse um lugar especial para os cronistas longe mesmo da torcida e peração [sic] constante dos senhores diretores e representantes da Liga, às vezes bem inconvenientes e partidárias. Mas que diabo. Roma não se fez num dia e aquelle stadio romano que enfeita sobretudo a rua Campos Salles sofrerá ainda algumas modificações que a pratica for exigindo... Ainda antes do jogo queremos manifestar à diretoria do América os agradecimentos da imprensa, pela gentileza do fornecimento de bebidas e refrescos com que os cronistas foram homenageados. (JB, 15/05/1923, p. 14)

Manusear textos escritos há quase noventa anos, apesar de muito prazeroso, proporcionou algumas dificuldades. Em várias oportunidades encontramos relatos discordantes em matérias sobre uma mesma partida. Em algumas oportunidades, um jornal narrava um fato enquanto outro escrevia exatamente o contrário. Isso nos obrigou a tomar um cuidado ainda maior. Nem sempre era possível ter certeza de que o que encontrávamos ali era o relato mais próximo da verdade.

O que também nos frustrou foi o fato de que absolutamente nenhum dos textos do noticiário esportivo, em nenhum dos jornais pesquisados, era assinado pelo seu autor. Ainda assim, foi possível notar que já havia paixão clubística entre os cronistas. Prova disso é no relato sobre a vitória do Vasco em cima do Botafogo. Já no segundo turno da competição, com o time Alvi-negro em último lugar na competição, o Correio da Manhã escreve que a equipe vai se recuperar e elogia o time. Enquanto isso, O Paiz faz um relato mais pessimista sobre o futuro do Botafogo. Algo que acabara se confirmando com o time indo disputar a eliminatória, precisando vencer para não ser rebaixado.



Era inevitável que os quatro clubes até então considerados grandes (América, Botafogo, Flamengo e Fluminense) fossem os protagonistas das crônicas, mesmo nos jogos contra o estreante Vasco. Isso de fato se verificou nas primeiras rodadas da competição. No entanto, com o passar do campeonato, e os bons resultados vascaínos, os holofotes se voltam para o Vasco. A partir dali (um marco pode ser considerado a vitória do Vasco sobre o Fluminense, na quinta rodada), o time ganha ares de favorito e passa a ser tratado com a mesma distinção dos outros grandes clubes.

Como já dissemos, nenhuma evidência de racismo foi encontrada nas páginas dos jornais. Assim como nos textos não há ocorrência de insultos racistas, também não há relato de nenhuma manifestação dentro do campo ou fora dele de qualquer tipo de preconceito racial. Esse resultado já era esperado, e evidencia que, já na década de 1920, não era de bom tom ser racista. Se o comportamento existiu, ele dificilmente ganharia as páginas dos jornais impressos.

No entanto, atravessamos uma encruzilhada metodológica. Depois de conhecer a literatura de Oracy Nogueira (1985) percebemos que o preconceito racial pode operar de formas diferentes das que estamos habituados. Além disso, notamos que o elogio ao negro apenas quando seu comportamento está ligado às artes ou aos esportes pode ser uma forma de preconceito às avessas (Soares e Brandão, 2009, p. 11). Por consequência, passou-se a atribuir aos negros, de forma errônea, falta de capacidade intelectual. Este atributo viria acompanhado de características negativas como desatenção, dificuldade de concentração e baixo controle emocional.

Com isso em mente, precisávamos tomar muito cuidado para não relacionar críticas aos jogadores vascaínos como indícios de preconceito racial. Uma análise apressada poderia causar esta impressão, já que em diversos momentos defeitos são atribuídos a jogadores do Vasco. Na sequência, mostramos como em alguns momentos as críticas são duras aos jogadores do Vasco. Mas, a prova de que não se trata de racismo, é que acompanhada da crítica ao vascaíno vem um elogio a um atleta negro do Bangu, que mereceria a vaga na seleção do Rio de Janeiro.

Claudionor [do Vasco], mesmo não fez jogo apreciável. A não ser o seu physico, unico requisito superior a Oswaldinho do América, não nos parece acertado, como prophetisam por ahi a sua inclusão em nossa representação nos procimos [sic] embates internacionaes. Leitão [do Vasco], no back, falhou completamente, não havendo mais quem nestas horas depois de assistir ao jogo de hontem, pense em incluir o seu nome no match da cidade. Esse posto não pode deixar de ser ocupado por Brillhante, do Bangu, a alma deste club, e incontestavelmente o mais agil e o mais preciso back actualmente no Rio. Não

pode a Metropolitana, a não ser escudada em fins políticos, prescindir desses elementos, hoje reconhecidamente insubstituível na posição de back. (JB, 21/08/1923, p.15)

Assim como os textos são capazes de dizer que “Claudionor não é center-half. Os demais, apenas se esforçam” (Correio da Manhã, 23/04/1923, p. 3) quando se refere ao Vasco, também encontramos passagens como: “A linha média foi um desastre. A exceção de João, todos os mais estiveram abaixo da crítica” (O Paiz. 14/05/1923, p. 1), referindo-se à equipe “branca” do América.

Parece-nos, portanto, que seria muito oportunismo apontar as eventuais críticas ao jogadores do Vasco, de forma individual ou coletiva, como evidências de qualquer tipo de preconceito racial.

Outra evidência de que este assunto não ocupava lugar central, pelo menos naquele momento, é referente à acusação feita pelo jornal Correio da Manhã. O jornal garante que o Fluminense deixou o Vasco vencer, quando faltavam três jogos para encerrar o campeonato. O objetivo seria prejudicar o Flamengo, ainda com chances de conquista.

A narrativa de O Paiz não confirma essa tese. No entanto, isso pouco nos importa neste momento. Caso o Fluminense tenha favorecido o Vasco cairá por terra toda a narrativa proposta por Mario Filho de dizer que de um lado estava o Vasco e de outro os clubes de elite. Se assim fosse, o time das Laranjeiras jamais tomaria tal atitude. No entanto, o relato antagônico do Paiz nos faz crer que isso pode não ter acontecido.

Ainda assim, essa versão ganhou as páginas de um dos jornais. Só isso já prova que o sentimento de que o Fluminense favoreceu o Vasco existiu em algum momento, pelo menos na cabeça de alguns. Ao formalizar esta situação em uma página de jornal fica evidente que, ao menos em alguma parcela da sociedade, a rivalidade entre os clubes grandes já era maior que o eventual preconceito racial existente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Também concluímos que a campanha vascaína surpreendeu a todos os envolvidos no esporte carioca. Apesar de algumas críticas, principalmente relacionadas ao fato do ataque não ser tão eficiente quanto a defesa, o que se tem ao longo das crônicas são rasgados elogios à inovadora forma de atuar da equipe vascaína.



Os jornais provam e são corroborados pelas estatísticas do campeonato que o Vasco de fato possuía um time mais forte, mais técnico e mais bem preparado que os adversários, mesmo se comparado aos clubes tradicionais.

Pelo espanto de algumas crônicas, tudo indica que nasceu ali uma nova forma de preparar equipes de futebol. Claramente, os primeiros passos para a profissionalização estavam sendo dados. Menos em função das remunerações, mais devido ao grau de exigência dos treinamentos, que obrigavam os “atletas” a se dedicarem exclusivamente às atividades físicas.

Os jornais destacam que o Vasco montou uma melhor estrutura que os rivais e que esta seria a principal justificativa do triunfo. “O club de Regatas Vasco da Gama, que não descuidara da conquista dos louros há tanto procurados, dispunha de mais elementos - sportivos e matereaes - para a organização da poderosa esquadra que possui hoje”. (JB, 01/05/1923, p. 15)

O mais curioso é que, assim como os jornais, Mario Filho destaca inúmeras vezes a capacidade física e os modernos treinamentos a que eram submetidos os jogadores do Vasco. No entanto, este tema foi preterido por uma narrativa heróica de uma disputa racial.

O que os jornais comprovam é que houve, sim, uma revolução no esporte carioca a partir de 1923. No entanto, as mudanças não viriam em função da participação dos negros em um time vitorioso, algo que já acontecera, em menor grau, anteriormente. O que surge em 1923 é uma preparação física e técnica inovadora sem a qual nenhuma equipe conseguiria triunfar a partir dali.



REFERÊNCIAS

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. Abr./Ago. 1923.

FREYRE, Gilberto. *Prefácio à 1ª edição*. In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

HELAL, Ronaldo ; Teixeira, João Paulo . O racismo no futebol carioca na década de 20 e a invenção das tradições. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2010. São Paulo : Intercom, 2010. v. 1. p. 55-65.,

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES; Antônio Jorge G. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBBSAWM, Eric. A produção em massa de tradições: Europa 1789 a 1914. In: _____; RANGER, T. *A invenção de tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IMPARCIAL, O. Rio de Janeiro. abr./ago. 1923.

JORNAL, O. Rio de Janeiro. abr./ago. 1923.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, abr./ago. 1923.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, abr./ago. 1923.

NOITE, A. Rio de Janeiro, abr./ago. 1923.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem – sugestão de um quadro de referência para a interpretação material sobre as relações raciais no Brasil. In: *Tanto preto quanto branco: estudo de relações raciais*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PAIZ, O. Rio de Janeiro, abr./ago. 1923.

SOARES, Antônio Jorge G. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001a. p. 13-50.

SOARES, Antônio Jorge G. O racismo contra o Vasco e a fundação da Amea: uma história de identidade. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 6. 1998. *Coletânea* . Rio de Janeiro: Editoria Central Gama Filho/IHBG/INDESP, v.6, 1998. p.139-145.

TEIXEIRA, João Paulo. 1923: investigação sobre a existência de racismo no noticiário esportivo carioca. *Revista Contemporânea (UERJ. Online)*, v. 08, p. 28-42, 2010.